

MÉTODO 5



**ENCONTRANDO
LESTE OU OESTE**

MÉTODO

①

Frente e verso

agentes de poder — corpos em movimento

②

Infiltração e vigilância

inserção seletiva

③

Lugar e narrador

lgo. da concórdia e pça. dom orione

④

Visão noturna

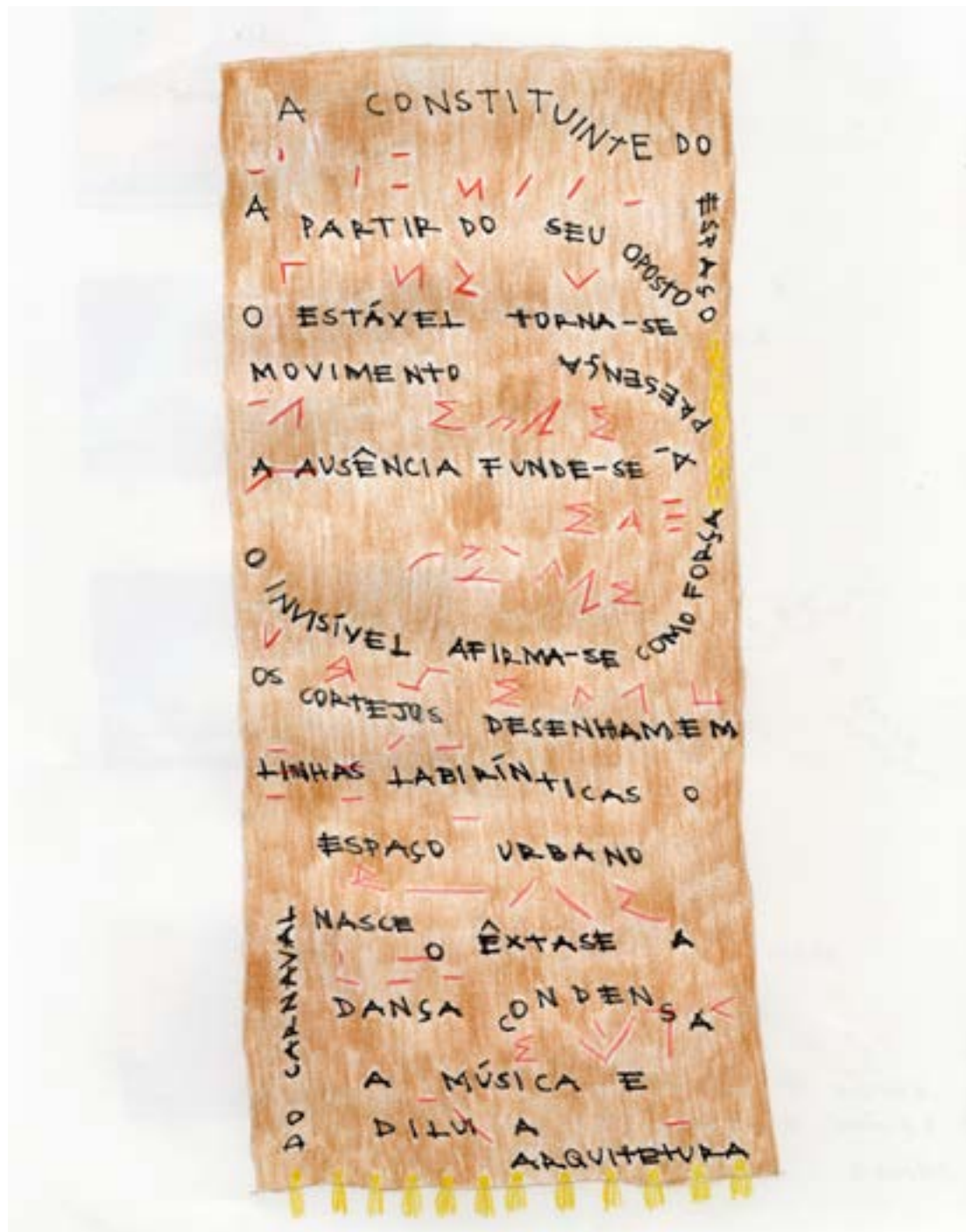
critério de vigilância

⑤

Elementos permanentes

em apropriação

Frente e verso



Busca pela análise frente e verso, ou duas facetas de um mesmo funcionamento. A dualidade observador e observado acompanha esta proposição, onde coabitam os atores, propriamente ditos, e agentes de instâncias de poder. Esta linha perpassa uma análise, que desde seu princípio, buscou um prisma de compreensão dos movimentos que coordenam as ditas liberdades.

← Espaço em movimento e imaginário

A constituinte do espaço a partir do seu oposto. O estável torna-se o movimento; a ausência funde-se à presença; o invisível afirma-se como força. Os cortejos desenham, em linhas labirínticas, o espaço urbano. Do carnaval nasce o êxtase. A dança condensa a música e dilui a arquitetura.

Liberdade condicionada, leis e burocracia

Premissa traz consequência; liberdade morta, liberdade moribunda. As liberdades costumam-se entre si: o dia da morte de uma, é a véspera da morte da outra.

Infiltração e vigilância



O combate da criminalidade pela vigília pública. O olhar regulador é disseminado e destituído de uma única instância de poder. A câmera automatiza a cidade em suas gravações em tempo real, aproxima-se de qualquer objeto ou movimento estranho. Subverter esse mecanismo regulador exige a personificação de seus elementos, compreender suas dinâmicas, seus transeuntes e suas temporalidades.

O vazio atual como fruto de uma calamidade global e da necessidade da saúde pública evoca o tamborilar do divórcio da vida cotidiana com os espaços públicos. Contudo esta infiltração permite encontrar resquícios dessas dinâmicas, abrindo brechas para a compreensão dos universos desses espaços. Tal infiltração, neste sentido, atrela-se a uma dual relação, presente, ainda, na alegórica imagem do cavalo de Tróia. A contraditória relação exterior-interior identificada no cerne desta imagem, coloca sobre a mesa recorrentes atuações de vigilância, que ao se encobrirem, minimizam suas devidas intenções.

Lugar e narrador

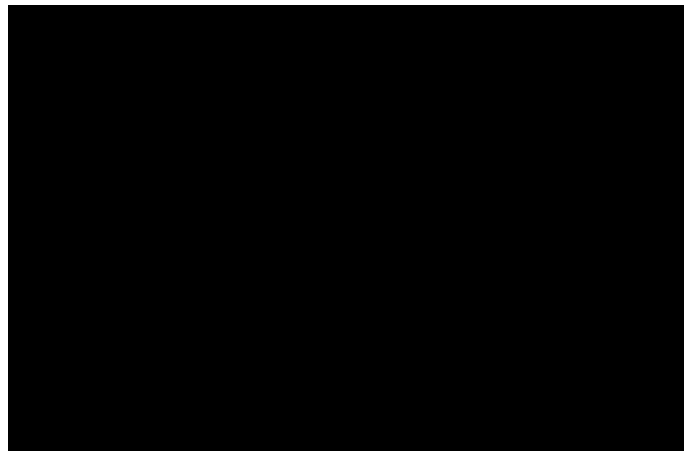


O espaço público é o cenário por onde as coreografias coletivas gravitam. As massas urbanas se sobrepõem em fluxos invisíveis pela cidade.

Interferências e observações nos espaços públicos questionam a atemporalidade de conceitos enrijecidos. De que forma estes são abertos, desatados, sendo indizíveis? De que forma o ato performático de uma câmera pode alterar leituras de paisagens? De que forma, ainda, ela coloca em xeque tensões entre atração e repulsa, infiltração e enfrentamento nos espaços?

Trata-se, assim, de um objeto no sumidouro da incansável realidade: um orifício, uma fenda, um desaparecimento, uma lacuna. Objeto pautado pelas cadências de uma rígida engrenagem em resignificação. A câmera pulsa a imagem e expande-a sob um domínio centrífugo: marca uma fronteira entre o caráter enigmático do gesto e uma retórica sistemática.

Lgo. da Concórdia



Rede desconexa onde mistura-se intensos fluxos, vazios urbanos, cicatrizes da cidade pós-industrial, comércio formal e informal, não permanência, imigração e migração, modais de transporte e camadas históricas fragmentadas por diferentes ocupações que se sobrepõem e se cruzam sem definir um espaço homogêneo.

- ← Estes últimos retratos pontuam o desvinculamento com o Lgo. da Concórdia. A breve elucidação das câmeras permitiu estes presentes registros. Entretanto, estas primeiras observações sinalizam um movimento potente: a câmera existente exerce rotações, sejam por dificuldades técnicas ou tempos distintos, que não permitem ser integralmente visíveis. Ou seja, o próprio ato de rotacionar é um movimento de que não se tem muita clareza. Mas quando estável, as luzes invadem a câmera e os enquadramentos são apreendidos.

Pça. Dom Orione



De imediato, a aproximação com a Pça. Dom Orione decorreu-se pela limitação do sistema do City Câmeras, método de análise escolhido. O contato e intimidade com a praça instigou aprofundamentos de suas entranhas e dinâmicas próprias. As primeiras investigações do local já atestaram uma suspensão no tempo e a construção de um hiato, que ditava seu próprio ritmo. Assim, as atividades ocorridas na praça elaboram um roteiro de apropriação do espaço, que incorpora o controle, da espontaneidade. A câmera existente exerce movimentos enrijecidos, que de leste à oeste, desenvolvem a potente narrativa alí a ser contada.

← Registros da primeira vigiância — abril

dia	turno
11	esporádico
15	24 hrs
18	24 hrs
24	noite

Visão noturna



A noite ofusca contornos. Admite restar lapsos de claridade emitidos por postes, elucidando os atos. A medida que a madrugada se aproxima, o movimento caminha rumo a amenização: se obscurece o olhar de uma pandemia, latente, por assim dizer, sobre a proposição dos vazios. A ocupação do espaço nesse momento desperta enigmáticos acontecimentos, à primeira vista, incomuns, e assim uma frenética tentativa de compreender suas razões.

Elementos permanentes

Uma ligação de pontos fundantes. Não trata-se de matérias fisicamente permanentes ou estáticas. Mas, sobretudo, de elementos, que após frenéticas observações, notavelmente, apresentaram-se enrijecidas no contexto de uma praça em usos diversos. Elementos que operam como alicerces a sustentar dinâmicas internas, e por isso clarificados nas imagens de vigilância.

- A.** Caixa Branca
- B.** Coreto
- C.** Escada
- D.** Lixo
- E.** Mureta
- F.** Veículos

A. Caixa Branca

Da passividade em sua estática à agitação de uma surpresa: a caixa branca esconde tanto o que lhe pertence quanto o que lhe tange. O paradoxo de ser inerte mas ainda garantir o alvoroço dos que ali se abrigam. Dia que vem, dia que passa, protege, e ainda infiltra, para além dos meus olhos, os que algo temem.

5



Certas condições de correlação perpassam o singular gesto de, justapor, duas **impermanências** ou figuras. Atiro a primeira pedra: lançada sem fim, sem direção ou intenção, pareço dispor uma **ordinariedade** capaz de gerar significados.

Abril, 11.
19:35
homem roubando
a fiação

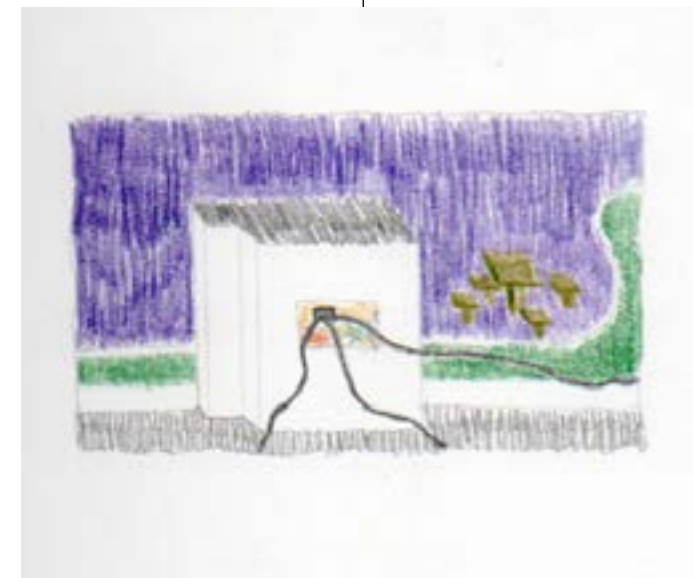


A.



A breve existência daquele homem em sua relação com a caixa branca guiava certa atenção àquele objeto, pincela possibilidades unicamente próprias. Afirmando, assim, um **elo** entre o **estático e o vivo** que permitia essas duas dimensões não passarem alheias a **ordinariedades desatentas**.

ESTÁTICO



B. Coreto

Ponto de intersecções e cruzamentos; a familiar constância da paisagem de praças. O coreto desenha-se como objeto escultórico que ressoa todas interferências: ecoa vozes, suporta luzes, abriga silhuetas. Seu enquadro marca a incessante fiação acompanhada de um par de tênis, a planaridade do seu entorno e suas centralidades apropriadas. Palco- Paisagem de cotidianos e frequentes ações.

5



Abril, 18.
02:53
a luz aul



B.

ESPECTRO
AZUL

O espectro azul atinge as **nuances da praça**. A presente luminosidade alçava-se sobre a **vigilância** estacionada nos arredores do coreto e, os dois justapostos, surgiam em simultaneidade. **Signo** das imposições de controle, a luz azul impunha sua frequência na reticente madrugada, dispersando **cegueiros reflexos**.

Abril, 15.
00:48
movimentos de
quem conhece
o coreto



Esta totalizante vigilância depara-se, entretanto, com **deslocamentos** pessoais que parecem carregar **certeiros** passos de quem ali **decodifica** detalhes e sutilezas

SIMULTANEIDADE
REFLEXOS



INTERSECCOES

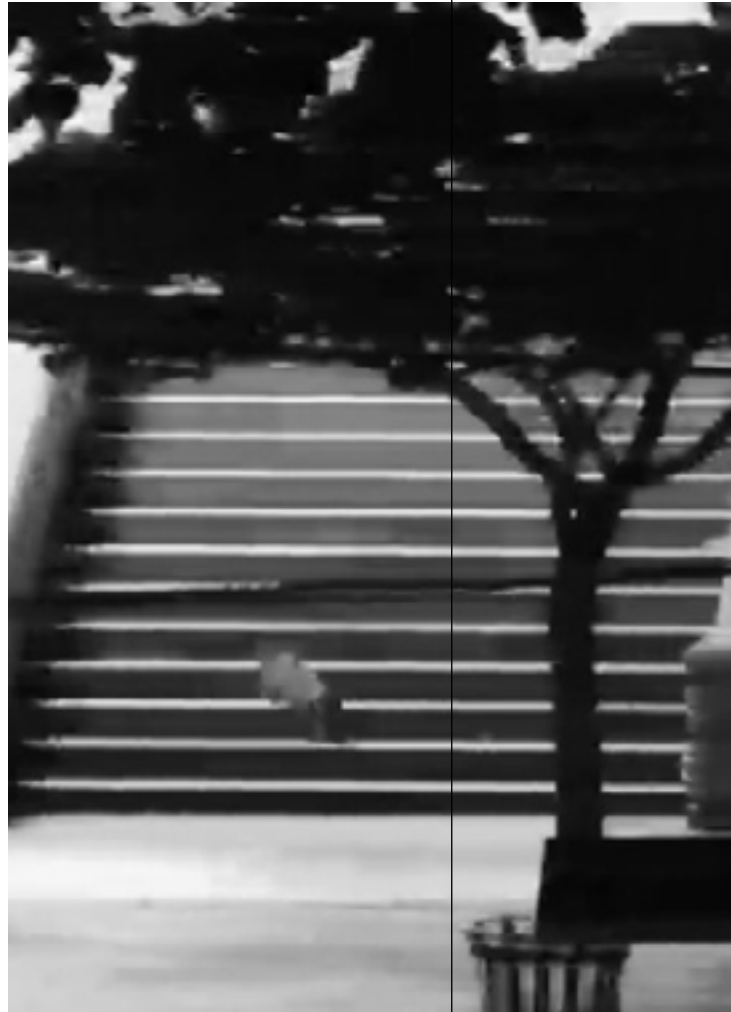
c. Escada

A escada tem recônditos destinos. O impedimento de sua visão e compreensão total causam certos desvios. Subiam e desciam aquele trecho num movimento rotineiro. A rala vegetação que a envolve e, ainda, as árvores que bloqueiam sua visão, parecem conferir uma aura própria a ela. Uma figuração de altar. Em que, contraditoriamente, não se adora a nada, mas por onde se atravessa. e ainda, onde reside um esforço estético de manter regular o que está em suas margens. Estes enquadramentos dão luz ao que a está aparte deles, e todas suas digressões lhe dão significados.

5

A escada afirmava seu caráter aurático com movimentos que aparentam ter **sentidos opostos**: os repentinos vultos do gato e os silenciosos passos do amanhecer.

Abril, 18.
03:52
o gato



A inquieta e fugaz aparição do gato na madrugada delineava um **movimento transversal** sobre um palco. Sua veloz atuação ganhava e concedia o **traço cênico e iluminado** à escada.

C.



Destoava, pontualmente, dos primeiros passos do dia que rumam **nenhum sentido**, ainda que tenham precisas direções. Assim, parecia ter espaço na **rítmica cadência** da escada, os mais diversos **clamores** e esforços mesmo vindo daqueles que ajoelham e não rezam.

figuração de ALTAK
FIGURACÃO DE ALTAK

Abril, 15.
05:46
o início de mais uma
jornada



D. Lixo

O mesmo ponto de despejo é o ponto de retirada. Armazena-se o indesejável e pouco interessante torna-se seu fim. No momento de extremo abandono dos resquícios, pertencentes agora ao acaso, emerge um súbito olhar. Se debruçam corpos inquietos que escavam a procura do inesperado.

Abril, 15.

00:29

lixo dos espíões



Uma única certeza incide na existência repetida destes recipientes em meio a calçada, estejam eles **cheios** ou **vazios**.

O chacoalhar do **objeto não pensante** a fazê-lo lançar os fatos e quilômetros de, possíveis, **decisivos** momentos.

FATOS
QUILÔMETROS

D.

Abril, 24.

20:55

movimentação
criança-mulher

INDESEJÁVEL



Corpos encontram sua **sorte**. Em frações de agilidade retiram **sombras** da lata de lixo, colocam-a debaixo do braço e prosseguem seu **trajeto**.



~~INESPERADO~~

E. Mureta

Exercia-se uma especulação de espera. Um curso de permanência e conexão. A mureta branca parecia acompanhar pontuais movimentos da praça: as delineadas sobras, as incidências do Sol e as transições pelo plano. Sua penetrabilidade é a ponte entre as presentes articulações. Uma brecha de inúmeras amarrações que aparta a grama do concreto.



Aterra-se em um novo ângulo do espaço, sua proximidade do **solo** exige esforço de **adaptação** sob o elemento subvertido.

O olhar naturalmente é fixado sob o **asfalto** e as pernas daqueles que perambulam o espaço, num ato de contemplação.

ESIDE ULAÇÃO
ESPERA

(DES)
ATIVIDADES

Abril, 24.
22:11
desequilíbrio
na mureta



Qualquer companhia ampara a necessidade da verbalização daquilo que é visto, pois parar e observar são (des)atividades para o **nosso tempo**.

Abril, 24
20:07
companhia

PRESENTES
ARTICULAÇÃO



F. Veículos

Camuflam-se por suas semelhanças e pelas cadentes presenças. Movem-se a medida que rastejam as engrenagens locomotivas. A aparência maquinal ofusca o fenômeno humanizado que traz consigo: um ponto de encontro. As múltiplas individualidades que estacionam aos poucos abandonam suas cascas e se conformam num círculo, com rostos, corpos, gestos. As buzinas transformam-se em vozes e o perigo do toque agora é possível.

F.

Auto veria-se, de todos seus possíveis ângulos. Os seus braços apareciam como portas e suas mãos, maçanetas. O orgulho no **olhar** daquele que **triunfou**.

circulo
circulo

Abril, 24.
21:08
velocidade
da luz



PROPRIO EU



MOTOR

ENGRENAGENS

A **vaidade** de um motor, que quase ruge ao se perceber como **máquina**. Observar o veículo é enxergar a si mesmo. E apartar-se dele exige o medo da desconexão do seu próprio eu.

Abril, 15.
01:36
narcisa



